

Passarinho tenta formar bloco no novo Congresso

Ministro da Justiça diz confiar no perfil pouco ideológico dos eleitos para obter apoio ao governo

BRASÍLIA — O ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, começa a trabalhar na formação de um bloco governista no futuro Congresso que, mesmo não sendo majoritário, possa recrutar apoio nas votações de projetos de interesse do governo. Para conseguir êxito nessa sua operação, o coordenador político do governo está confiante no perfil pouco ideológico que, acredita, exhibe o Congresso que toma posse em fevereiro. Também aposta em maior abertura ao diálogo por parte dos parlamentares eleitos, e com os quais espera estabelecer um relacionamento mais fácil do que o experimentado atuais.

Apesar da tranquilidade que essa análise propicia, o governo observa o Legislativo que ainda está no poder com preocupação. O presidente Fernando Collor receia, por exemplo, que o Congresso derube o veto à Lei de Custeios e

Benefícios, deixando 14 milhões de inativos sem pagamento, e que rejeite as 17 medidas provisórias que aguardam votação. Entre elas, estão a que define o reajuste das prestações do Sistema Financeiro da Habitação e a que trata da seguridade social, com votação prevista para próxima semana.

— A ideologia marcou muito pouco nessa eleição —, comenta Passarinho, que argumenta a sua constatação com exemplos. Um deles é o da campeã de votos no Pará, Socorro Gomes, eleita deputada federal com 60 mil votos, pelo PC do B, quando aquele Estado não tem nada de comunista. Outro é o do seu sobrinho, Ronaldo Passarinho, eleito pelo PDS para a Assembleia Legislativa com a maior votação, no mesmo Estado, embora conhecido como parente do coronel que ajudou a fazer a Revolução de 1964, Jarbas Passarinho. “Se os dois foram tão votados, onde está a ideologia?”, pergunta o ministro, admitindo, contudo, que o novo Legislativo traz “uma considerável bancada causadora de dores de cabeça”. Ele se re-

fere aos cerca de 100 integrantes do PT, PDT, PCB e PC do B, que considera inteligentes e capazes de obstruir sessões de interesse do governo.

O ministro define essa bancada como a dos parlamentares “contrários ao capitalismo moderno”, e avisa que pretende formar um bloco de sustentação do governo com igual poder de fogo.

Mas há outras preocupações rondando o Palácio do Planalto. De acordo com análises feitas por políticos governistas, existe o temor de que o Senado eleja Mauro Benevides (PMDB-CE) para a presidência da Casa, o que fortaleceria o poder do governador de São Paulo, Orestes Quécia, no Legislativo, colocando ainda no comando do Congresso uma mesa diretora que trabalharia para dificultar votações de interesse do presidente Collor. O “efeito Iram Saraiva” — referência ao senador do PDT de Goiás, que, quando assume a mesa do Senado, age claramente em benefício dos que querem derrotar os projetos do governo — é hoje um dos riscos detectados pelo Planalto na eleição de Benevides.



André Dusek/AE

Passarinho: aposta em diálogo mais aberto com futuros líderes